



OS "JOVENS TURCOS" E SUA IMPORTÂNCIA PARA O IMPULSO DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Eliasar de Oliveira Almeida

Em face das mudanças freqüentes dos procedimentos e meios envolvidos nos conflitos armados, a evolução da profissão militar em países como o Brasil, de escassos recursos econômicos para atender às necessidades de modernização e, felizmente, isento de contactos freqüentes com a guerra, se tem feito por saltos bem balizados. Ao atingir certo patamar de atualização, segue-se um processo progressivo de estagnação não programado, até que novo salto se efetive.

O "Movimento dos Jovens Turcos" baliza um desses saltos.

Este artigo, extraído de monografia apresentada pelo autor, como exigência curricular para a obtenção do diploma do Curso de Comando e Estado-Maior do Exército, em 1987, apresenta uma síntese desse Movimento e nele identifica analogia de objetivos com o "Projeto Força Terrestre 1990" (FT-90), em curso no nosso Exército.

INTRODUÇÃO

O Século XX encontrou o Exército Brasileiro debatendo-se em franco declínio, conseqüência tanto dos ideais

positivistas que grassavam na Escola Militar e conduziam os oficiais mais jovens a um perigoso desvio do preparo profissional, quanto da estagnação da própria tropa, fruto do descaso das autoridades e dos

oficiais mais antigos pela instrução militar.

O nível profissional estagnara nos processos empregados na Guerra da Tríplice Aliança e a rica experiência adquirida nos campos de batalha, paulatinamente, se perdera no período.

Nosso Exército continuava formando, nas Escolas Militares, ilustrados doutores e bacharéis, influenciados pelo movimento positivista. O ensino militar era deficiente na parte teórica e quase nulo no terreno da prática. A Guerra da Tríplice Aliança, ótimo laboratório que muito poderia ter contribuído para a evolução de nossa doutrina e melhoria do ensino, fora relegada ao esquecimento.

A orientação do ensino militar da época, impregnada de idéias humanistas e pacifistas, levava o Exército ao fatídico desvio do preparo profissional. A ênfase dada ao ensino das Ciências, em detrimento da formação profissional, acentuava, cada vez mais, o declínio da operacionalidade e a existência de graves deficiências na preparação da tropa.

A vida arregimentada, como de resto todo o Exército, era monótona e rotineira. A inércia em que jazia o organismo militar, paralisado por uma existência burocrática, contaminava os oficiais, sargentos, cabos e soldados. Não havia disposição para o aperfeiçoamento técnico e ninguém se dava conta dessa insuficiência.

Todavia, o abismo em que se

despencava a Força Terrestre foi percebido a tempo por chefes militares de prestígio.

A própria situação do país se incumbira de forçar a atenção desses chefes para a profunda modificação que a Força Terrestre requeria para a sua profissionalização. As duras lições das campanhas internas e, principalmente, as da luta contra os fanáticos de Antonio Conselheiro, evidenciaram as graves deficiências na preparação militar da tropa, na ocasião.

Urgia tomarem-se medidas efetivas para corrigir a situação precária em que se encontrava o Exército. Canudos tivera o mérito de sacudir o marasmo, a estagnação.

A oficialidade culta se apercebeu da necessidade de colocar o Exército ao nível do progresso alcançado pelas instituições de outros países e de buscar a renovação profissional.

Esse surto renovador, característico da geração dos oficiais jovens, saídos da Escola Militar, apoiados pelo bom senso e autoridade de velhos chefes, coincide com o início da gestão do Ministro da Guerra Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet.

O impulso dado à reforma das instituições militares do Brasil imprimiu um movimento de renovação, que prosseguiu, mais tarde, com seu sucessor na Pasta da Guerra, o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca.

Infelizmente, a corrente renovadora que surgia na busca da mo-

dernização da Força não contava com a unanimidade das opiniões dos integrantes do Exército em apoio à sua causa. Isso, pouco a pouco, foi asfixiando, quase que totalmente, o movimento progressista, deixando-lhe pouco espaço de manobra para atuar.

Delineava-se um conflito de idéias e procedimentos entre a corrente reformadora, que visava à mudança de conceitos e ao término do atraso em que o Exército vivia, e a outra, corrente conservadora, que não admitia essa idéia.

Não contavam, porém, as forças conservadoras com a determinação de homens como o Marechal Hermes da Fonseca e o Barão do Rio Branco, em cuja visão de estadista vislumbrava o país dotado de um Exército forte, capaz de defender o território brasileiro.

Tais baluartes se impuseram tomando medidas que demonstravam sua vontade férrea em não capitular face às investidas conservadoras. Uma delas, por exemplo, mereceu um maior destaque, pelo verdadeiro alvoroço que provocou no método de instrução da tropa, desencadeando sua modernização.

Esse grande resultado foi atingido quando da decisão de se enviar oficiais brasileiros à Alemanha, a fim de estagiarem em corpos-de-tropa do Exército daquele país e buscar a experiência estrangeira. Os jovens oficiais, após seu regresso, passaram a engrossar as fileiras modernizadoras com seus conhecimentos profissionais adquiridos no

estágio. Especialmente a terceira turma, enviada à Alemanha em 1910 e composta de vinte e um oficiais, notabilizou-se pelo trabalho realizado em benefício dessa profissionalização.

"JOVEM TURCO". RAÍZES DO MOVIMENTO

Os ex-estagiários e os oficiais que a eles se aliaram, após o regresso, desenvolveram importantes atividades na busca de seus objetivos, os quais provocaram o renascimento do movimento renovador.

Compuseram o que se tornou conhecido como movimento "jovem turco", perfeitamente encaixado em nossa História Militar, como parte integrante do surto de renovação, surgido contra o marasmo existente.

Esse surto que se iniciara anteriormente, coincidindo com o início da gestão do Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet como Ministro da Guerra, em 1905, e prosseguira na gestão do Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, atingiria grande impulso, mais tarde, com o Marechal José Caetano de Faria, de 1914 a 1918.

O movimento "jovem turco", portanto, teve suas raízes nessa campanha de remodelação, que congregara, no princípio, jovens descontentes com os rumos que a Força Terrestre tomava e alguns elementos de antigas gerações. In-

felizmente, tal campanha não alcançara o êxito almejado, mesmo engrossada com inúmeros aspirantes egressos da Escola de Guerra de Porto Alegre e de Artilharia e Engenharia do Realengo, na época.

Apesar de todo o empenho e entusiasmo de seus integrantes, a campanha renovadora pioneira não adquirira forças suficientes para modificar a situação reinante e demolir as arcaicas estruturas da Instituição. Os primeiros renovadores foram barrados pela própria falta de maiores conhecimentos profissionais e, também, pelo des-caso de grande parte dos integrantes do Exército, descrentes dos objetivos que eles tentavam alcançar.

O movimento de renovação somente foi receber novo ânimo e disposição no momento em que os ex-estagiários assumiram o seu controle. A partir daí, passou a influir decisivamente na orientação dos rumos da instrução militar do nosso Exército. A constatação desse progresso, pelos adversários dos reformadores, valeu aos ex-estagiários e todos os militares que os apoiavam na tarefa modernizadora, o apelido pejorativo de "jovens turcos", mais tarde incorporado ao próprio movimento.

O MOVIMENTO "JOVEM TURCO" E A RENOVAÇÃO DO EXÉRCITO. OS OBJETIVOS DA LUTA PELA PROFISSIONALIZAÇÃO

Analisando, cuidadosamente,

o período em que se desenvolveu a campanha em prol da remodelação e modernização do Exército, verificamos, com nitidez, a ocorrência e a importância do movimento "jovem turco".

A fase de maior influência do movimento renovador pode ser perfeitamente assinalada, a partir de 1913, quando do regresso dos oficiais brasileiros do proveitoso estágio na Alemanha.

Dessa época em diante o movimento se estendeu até, praticamente, o contrato da Missão Militar Francesa de Instrução, marco de um novo rumo na evolução militar do Exército Brasileiro.

Observa-se hoje que o futuro da profissionalização do Exército, naqueles idos, repousou na atuação dos estagiários, após o regresso da Alemanha, no final de 1912, e da compreensão que tiveram do desafio a ser enfrentado por eles, entre a realidade européia e o que encontrariam no Brasil.

Esse tremendo fosso separador passou a ser transposto a partir do instante em que, já no país, elegeram e foram conquistando vários objetivos intermediários, que lhes permitiriam alcançar o objetivo final da profissionalização. Desses objetivos intermediários, podemos destacar:

1. A reformulação da instrução nos corpos-de-tropa da guarnição do Rio de Janeiro.

Ela foi iniciada pelos ex-estagiários, a partir da arrematada

ção, após o regresso da Alemanha, de forma entusiástica, onde conseguiram arrebataram outras unidades pelo trabalho incessante executado. Nesse trabalho, colocaram em prática medidas apropriadas ao desenvolvimento da instrução militar, das quais são dignas de menção as seguintes:

- planeamento da instrução individual;
- planeamento da instrução das subunidades;
- divisão da instrução militar em períodos;
- instrução dos cabos, antecedendo a dos soldados;
- constituição de um curso especial para sargentos;
- discussão do método de instrução germânico, entre os oficiais brasileiros.

2. A prática da instrução dos quadros.

O trabalho desenvolvido na instrução dos sargentos, uma das medidas tomadas, foi de primordial importância, porque preparou os graduados como futuros monitores dos oficiais. Quanto à atividade realizada junto aos oficiais, visou, particularmente, prepará-los no âmbito dos corpos-de-tropa, para que pudessem cooperar na formação dos sargentos, cabos e soldados. Além disso, os ex-estagiários conseguiram despertar a atenção desses camaradas pelo estudo da tática e pela experiência profissional estrangeira, através da

leitura de obras e regulamentos traduzidos.

3. A divulgação do método de instrução alemão para outras regiões do Brasil.

Esse objetivo intermediário foi alcançado através da publicação da Revista *A Defesa Nacional*, que se tornou o órgão da campanha renovadora. A Revista foi responsável não só pelo combate à rotina ainda existente no Exército, como pela orientação da instrução militar da tropa. O êxito atingido, desde o primeiro número, confirmou as previsões dos "jovens turcos" de que as graves deficiências do Exército não eram apenas observadas por eles, mas por um grande número de oficiais, em outras regiões do Brasil. O programa traçado pela Revista constituiu-se numa luta vitoriosa pela radical transformação dos costumes do nosso Exército, buscando a modernização da técnica e da tática, então em uso.

É interessante frisar que a arregimentação foi importante porque permitiu que se atingisse o ponto mais fraco do Exército, representado pelo soldado da tropa, e deu novo alento aos oficiais que, desde longa data, lutavam sem sucesso pela remodelação da estrutura. O adestramento atingido nesses corpos-de-tropa ocasionou a abolição da rotina na caserna e provocou um ambiente propício à propagação das idéias renovadoras.

É importante, ainda, a lem-

brança de que a conquista do primeiro objetivo intermediário de reformulação da instrução na tropa possibilitou o êxito na instrução dos quadros, e ambos, por sua vez, possibilitaram a tentativa de se divulgar o método alemão fora do Rio de Janeiro.

O SIGNIFICADO DA REVISTA A DEFESA NACIONAL

A revista *A Defesa Nacional* representou a mais ousada iniciativa em que uma publicação militar se lançou, desfraldando a bandeira de um vasto programa de profissionalização do Exército. Considerando a época em que começou a ser editada e as opiniões e atitudes contrárias que encontrou pela frente, assinalou, indelevelmente, um marco na história do Exército Brasileiro. Com a Revista, os "jovens turcos" puderam propagar suas idéias e desenvolver e disseminar ensinamentos preciosos sobre todos os recursos da arte militar, quer pelos artigos, quer pelos livros que traduziam e publicavam.

Reconhecida como órgão idôneo, de cultura profissional, a Revista mereceu o apoio de chefes militares interessados no futuro da Força Terrestre. Esse decidido apoio, manifestado, principalmente, pelo Marechal Caetano de Faria, quando Chefe do Estado-Maior do Exército e, mais tarde, como Ministro da Guerra, é que permitiu aos "jovens turcos" o prosseguimento para a conquista

do objetivo final, já citado anteriormente.

Muitas idéias ventiladas na Revista foram sendo colocadas em execução, paulatinamente, durante o período ministerial do Marechal Caetano de Faria. O próprio Ministro via, nos trabalhos insertos, uma colaboração preciosa, contribuindo, com eficácia, para a procura das soluções que mais convinham ao Exército, nas questões que tinha a resolver.

Os propósitos do Marechal Caetano de Faria se conciliaram com as idéias dos "jovens turcos", anteriormente expressas em *A Defesa Nacional*, e se transformaram num vasto programa de reformas, traçado com coragem e decisão, no sentido do aperfeiçoamento da Força Terrestre.

Pode-se afirmar que todas as medidas traçadas naquele período foram discutidas nas páginas da Revista e, dentre elas, destacaram-se:

- execução do Serviço Militar Obrigatório, conforme o previsto na Lei nº 1.860, de 04 Jan de 1908;
- incorporação regional de recrutas;
- reorganização da Guarda Nacional;
- incorporação, em época fixa, do contingente designado pela sorte;
- constituição das unidades com efetivo suficiente;

- desenvolvimento metódico da instrução militar;
- fixação do efetivo de paz do Exército;
- remodelação dos serviços de remonta e fardamento.

O progresso alcançado pela instrução da tropa, fruto da orientação da Revista, perdurou após o período ministerial do Marechal Caetano de Faria, e o movimento avançou celeremente, atingindo novos e importantes resultados.

AS CONSEQÜÊNCIAS DO MOVIMENTO "JOVEM TURCO": A "MISSÃO INDÍGENA" E O PREPARO DO TERRENO PARA A VINDA DA MISSÃO MILITAR FRANCESA

O desenvolvimento atingido na instrução militar, de natureza profissional ministrada na tropa, contrastava com a instrução militar ministrada, ainda de forma tradicional, na Escola Militar do Realengo.

O problema somente pôde ser equacionado pelo Estado-Maior do Exército quando resolveu selecionar instrutores capacitados para aquele Estabelecimento, seguidos da orientação traçada pelos "jovens turcos".

A seleção foi realizada através de concurso organizado pelo próprio EME que, pela primeira vez, interveio na escolha, visando a atingir os objetivos preconizados

para o ensino profissional dos futuros oficiais.

Esses instrutores compuseram a chamada "Missão Indígena", responsável pela instrução prática dos cadetes a partir de 1919. Recebeu essa denominação porque antecedeu a Missão Militar Francesa de Instrução, tendo no seu desenrolar inculcado hábitos, costumes e adestramento exemplar aos cadetes e revolucionado o ensino na Força Terrestre.

Estava finalmente cumprida a missão pela qual se bateram os "jovens turcos", desde o regresso do estágio de instrução da Alemanha nos idos de 1912.

O Exército Brasileiro atingia um estágio profissional totalmente diferente da situação de marasmo e estagnação do início do século. Tanto a tropa como a Escola Militar perseguiram os mesmos objetivos, havendo uniformidade nos processos empregados.

Pode-se também afirmar que o trabalho executado nesse período pelos "jovens turcos" tinha alicerçado a base necessária para que o Exército, mais tarde, buscasse novos objetivos.

Contribuíam, dessa forma, no preparo do terreno profissional, possibilitando a vinda de uma missão militar estrangeira de instrução.

Se analisarmos o Editorial de *A Defesa Nacional* nº 67, de 10 de abril de 1919, verificaremos com exatidão esse propósito elogiável. Lê-se nele:

"Hoje, apesar dos nossos in-

contáveis progressos, é tamanho o desejo de completar a nossa defesa, está tão arraigada a convicção de que precisamos um auxílio estrangeiro para sairmos de vez das dificuldades que nos entravam, que todos confiam e se satisfazem com qualquer solução. Precisamos quem nos ensine ou nos permita realizar os meios de aprender; precisamos qualquer coisa que nos leve para a frente na estrada que palmilhamos até agora com tantos sacrifícios.

"Desde que a missão nos venha auxiliar nesse sentido, extirpando os erros que não podemos evitar e melhorando com a imparcialidade de técnicos, tudo o que já conseguimos produzir:

Bemvinda seja!"

Demonstra esse Editorial o patriotismo e o desprendimento que animavam os "jovens turcos", pois se propunham a apoiar a missão estrangeira que viesse orientar o Exército, mesmo que não fosse originária da Alemanha.

É fato que a Primeira Guerra Mundial havia tornado obsoletos os exércitos anteriores ao grande conflito e mesmo o progresso alcançado pelo Exército Brasileiro, em sua profissionalização, era mínimo, se comparado às inovações na arte da guerra que o término do conflito trazia.

Como consequência, apesar de a instrução militar, até aquela época, haver sido ministrada de acordo com o método alemão, a

derrota sofrida na guerra impediu que a missão alemã viesse.

CONCLUSÃO

Várias razões podemos alinhar para demonstrar a importância dos "jovens turcos" para a profissionalização do Exército Brasileiro. Entre elas merecem destaque as seguintes:

- impulsionaram o enfraquecido movimento de renovação, marco inicial de uma caminhada até o Exército que dispomos hoje;

- instruíram a tropa e os quadros, construindo os alicerces que possibilitaram o progresso profissional obtido mais tarde;

- contribuíram, através de *A Defesa Nacional*, para a divulgação de um novo método de instrução, germe da eficiência profissional e para a procura de soluções mais convenientes ao Exército, as quais, adotadas, foram importantes para a evolução da Força Terrestre, até nossos dias;

- deixaram, como prova inquestionável de sua importância para o Exército Brasileiro, o legado dessa brilhante publicação, que permanece ativa e atualizada, abordando relevantes questões profissionais de interesse militar;

- prepararam o terreno profissional para a vinda da Missão Militar Francesa, após o término da Primeira Guerra Mundial.

Cabe ainda ressaltar, como conclusão final, a constatação da

impressionante força, tanto do primeiro Editorial da revista *A Defesa Nacional*, editada em 10 de outubro de 1913, quanto dos exemplos de dedicação exclusiva à instrução militar da tropa, demonstrados pelos "jovens turcos".

As idéias contidas no referido Editorial permanecem tão oportunas e vibrantes no presente como foram no passado, e os exemplos citados nos arrastam ao estreito cumprimento dos nossos deveres militares e de nossa missão constitucional, na época atual.

Tais idéias e exemplos, claramente palpáveis e definidos, atualmente, nos objetivos fixados para o Projeto Força Terrestre 1990 (FT 90) e nas transformações já adotadas e ainda por adotar em futuro próximo, nos apontam a direção segura e correta da operacionalidade e da profissionalização de nosso Exército.

Compete, pois, a todos nós militares que vivemos estas jornadas do presente, tão importantes para a Força Terrestre, percorrermos essa trajetória, quais novos "jovens turcos", com muito esforço, confiança em nossos chefes e dedicação exclusiva à Pátria.

Assim trabalhando poderemos, juntos com nossos sucessores, observar o Exército Brasileiro, partindo do estágio atual, ganhar condições para alçar-se ao nível dos melhores exércitos do mundo, após o raiar do segundo milênio.

BIBLIOGRAFIA

1. ARARIPE, Tristão de Alencar — 1960. Tasso Fragoso, Um Pouco de História do Nosso Exército. Rio de Janeiro, BIBLIX.
2. CAETANO DE FARIA, José — 1914. Editorial. In: "A Defesa Nacional". Número 13. Rio de Janeiro.
3. DENYS, Odylio — 1985. "Renovação do Exército — Missão Indígena". In: "A Defesa Nacional". Número 718. Rio de Janeiro.
4. DIÁRIO OFICIAL — 1910. Número 98, 30 de abril. Rio de Janeiro.
5. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO — 1972. História do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro, Volume 2.
6. KLINGER, Bertholdo — 1949. Narrativas Autobiográficas. Rio de Janeiro, Empresa Gráfica "O Cruzeiro".
——— — 1958. Parada e Desfile na Vida de um Voluntário do Brasil na Primeira Metade do Século. Rio de Janeiro, Empresa Gráfica "O Cruzeiro".
7. LEITÃO DE CARVALHO, Estêvão — 1959. Dever Militar e Política Partidária — São Paulo. Editora Nacional.
——— — 1961/1964. Memórias de um Soldado Legalista. Rio de Janeiro, Imprensa do Exército, Tomos I e II.
8. MAGALHÃES, João Baptista — 1958. A Evolução Militar do Brasil (Anotações para a História). Rio de Janeiro, BIBLIX.
9. MINISTÉRIO DA GUERRA — 1908, 1915, 1916 e 1918. Relatório do Ministro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
10. PAULA CIDADE, Francisco de — 1959. Síntese de Três Séculos de Literatura Militar Brasileira. Rio de Janeiro, Estabelecimento General Cordeiro de Faria.
——— — 1941. "A Atuação de Rio Branco no Plano Militar e Diplomático". In: Revista Nação Armada 20, 7-16. Rio de Janeiro, Editora José Olímpio.
11. PESSÓA, Pantaleão — 1972. Reminiscências e Imposições de uma Vida (1885-1965). Rio de Janeiro, Cia Gráfica Lux.
12. REVISTA "A DEFESA NACIONAL" — Coleção.

13. REVISTA DO INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL — Coleção.
14. REVISTA DOS MILITARES — Coleção.

15. RIO BRANCO, José Maria da Silva Paranhos, Barão do — 1948, Discursos. Rio de Janeiro. Ministério das Relações Exteriores.



ELIASAR DE OLIVEIRA ALMEIDA — Major de Artilharia do Quadro de Estado-Maior das Armas (QEMA), foi promovido ao posto atual, por merecimento, em 30 Ago 84. Possui os cursos militares da Academia Militar das Agulhas Negras, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

É Bacharel em Comunicação Social — Relações Públicas, pelo Instituto de Artes e Comunicações da Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP, tendo lecionado a disciplina Relações Públicas Governamentais naquela Universidade.

Foi instrutor e Chefe da Seção de Relações Públicas da Escola Preparatória de Cadetes do Exército. Atualmente serve no CMO/9ª RM 9ª DE.